

# Psicoterapia Junguiana, Calatonia e Arte\*

Irene Pereira Gaeta Arcuri\*\*

## Resumo

*O objetivo desta pesquisa é compreender a experiência de ampliação de consciência, vivida no processo de psicoterapia, com aplicação de calatonia e expressa por meio de realização de mandalas e das subseqüentes associações. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, baseada em casos clínicos, interpretados à luz da psicologia analítica junguiana e autores afins. A ampliação ocorreu sempre que, neste processo, algum conteúdo inconsciente foi integrado à consciência. Quando o conteúdo inconsciente encontrava-se retido pelos mecanismos de defesa, pressionando e provocando aumento do nível energético do inconsciente, a emergência de um novo símbolo, possibilitado pela calatonia e expresso nas mandalas e/ou nos processos de associações, permitiu a transformação da estrutura da consciência e a assimilação do conteúdo inconsciente, que, anteriormente, não podia ser assimilado. A experiência conjunta, corporal e artística, no processo de calatonia e realização das mandalas, apoiada na singularidade da relação entre paciente e terapeuta, reproduziu condições semelhantes às das primeiras relações interpessoais, propiciando a transformação dos complexos e a ampliação da consciência.*

**Palavras-chave:** calatonia; mandala; Jung.

## Abstract

*The objective of this research is to understand the experience of expanded consciousness experienced through psychotherapy, using catalonia and expressed by means of mandalas made its subsequent associations. This is a qualitative study based on clinical cases analysed according to Jungian theory and similar authors. Expansion occurred whenever, in this process, some unconscious content was integrated to the conscious.*

---

\* Tese sob orientação da Profa. Dra Marília Ancona-Lopez, Bolsista CNPQ.

\*\* Doutora em Psicologia Clínica. Coordenadora de Pós-Graduação do curso Psicoterapia Junguiana da UNIP - Universidade Paulista. Extraído da tese de doutorado apresentada ao Programa de Estudos Pós Graduados em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009. E-mail: iarcuri@uol.com.br

*When the unconscious content was repressed by defense mechanisms, pressuring and causing an increase in energetic levels in the unconscious, and the emergence of a new symbol, made possible by the calatonia and expressed in the mandalas and/or in the associative processes, enabled the transformation of the conscious's structure and the assimilation of the unconscious content, which hitherto could not be assimilated. The combined experience, physical and artistic in the process of Calatonia and undertaking of the mandalas, based on the uniqueness of the relationship between patient and therapist, reproducing conditions similar to those of the first interpersonal relationships, allowing the transformation of complexes and expanded consciousness.*

**Keywords:** Calatonia; mandala; Jung.

## CALATONIA, O MÉTODO DE PETHÖ SÁNDOR

*O mais nobre de todos os símbolos da libido é a figura humana do demônio ou do herói (...) a imagem do ser que passa da tristeza para a alegria e da alegria para a tristeza, o ser que ora resplandece no zênite, como o Sol, ora imerge em noite profunda e desta mesma noite renasce para o esplendor.*

Carl Gustav Jung

Calatonia é um método de relaxamento proposto por Pethö Sándor, a partir de observações realizadas, antes e durante a Segunda Guerra Mundial, utilizada por ele em associação com a Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung.

As declarações de Jung sobre a teoria e o método da Psicologia Analítica estão compiladas e disponíveis em suas Obras Completas e em correspondências, entrevistas, bem como em escritos biográficos. Uma definição sumária de cada uma de suas idéias principais foi impressa como parte de *“The Psychological Types”*, em 1921. Incluem as seguintes definições: “Energia psíquica” que, segundo Jung, tinha sua fonte nos instintos. “Inconsciente”, visto como complementar à consciência, sendo repositório de experiências pessoais anteriores e de imagens universais; e comunicando-se com a consciência ao revelar imagens subjacentes que motivam o indivíduo e se evidenciam em atitudes, ações, escolhas e sonhos, bem como em enfermidades. “Psique humana”, constelada em sub-pessoalidades ou representações arquetípicas, identificáveis como persona, ego,

sombra, anima e animus, e Self, entre outros. E “individuação”, vista como o processo que conduz a pessoa à unificação de sua personalidade. São estes os preceitos sobre os quais se desenvolveu a psicologia profunda que emprega uma abordagem sintética e hermenêutica (SAMUELS et al., 1988).

Húngaro, Pethö Sándor (1916-1992) formou-se médico obstetra e ginecologista, em 1943, pela Faculdade de Medicina de Budapeste. Durante a Segunda Guerra Mundial, trabalhou no Hospital da Cruz Vermelha, onde teve a oportunidade de atuar em casos de amputação de feridos e congelados em campos de refugiados. Foi nessa situação que deu início ao desenvolvimento do método de relaxamento conhecido posteriormente como Calatonia, no intento de atender aos pacientes em fase pós-operatória, que sofriam de abalos nervosos, depressão, reações compulsivas e que relatavam a sensação de possuir membros fantasmas. Mais tarde, a técnica foi aplicada em pessoas que se preparavam para emigrar no pós-guerra e em outros casos. À prática, que utilizava o método calatônico na psicoterapia Junguiana, Sándor denominou Terapia Organísmica ou Integração Fisiopsíquica.

Explica Cortese:

Sándor movia-se dentro de uma perspectiva de busca característica da nossa época: a busca de integração de áreas distintas de saber – principalmente a área que se denominava religião e aquela que ainda se denomina ciência –, enquanto não se configura um novo conhecimento efetivamente integrado, único, sintetizador desses dois caminhos criados pelo homem para compreender a si mesmo e ao universo. (...) a obra de Sándor originou-se de várias epistemes ou campos de conhecimento, algumas dentro da tradição espiritual, outras dentro da tradição da investigação “científica”. Há que considerar também o papel central da práxis nesta abordagem terapêutica. Na integração fisiopsíquica, o trabalho corporal gera conhecimento – torna consciente o conhecimento inconsciente, atualiza-o e o comunica (CORTESE, 2008, p.14).

Sándor chegou ao Brasil em 1949, mas somente vinte anos depois, em 1969, por ocasião de um evento promovido pela Sociedade de Psicologia de São Paulo, trouxe pela primeira vez a público a técnica básica do método

que desenvolveu, conhecido também por Calatonia. Antes disso, entretanto, a Calatonia já era aplicada por vários profissionais que acompanhavam seu trabalho.

Nesse mesmo evento, Mauro (1969) e de Santis (1969) relataram suas experiências clínicas com a técnica da Calatonia em psicoterapia de adultos.

Na mesma linha, Penna (1976) expôs o caso de uma menina de cinco anos vítima de grave síndrome da articulação têmporo-mandibular, resultante de excessiva tensão oral e que se recuperou após tratamento com Calatonia integrada à psicoterapia de linha Junguiana. Mais recentemente, a mesma Autora propôs alguns princípios para a avaliação do contexto teórico da Calatonia em sua modalidade básica (PENNA, 2007).

Durante os últimos anos, o método tem sido divulgado em cursos de especialização e grupos de estudos realizados por colaboradores e estudiosos de Sándor em universidades e clínicas particulares. Assim, as observações publicadas representam uma pequena parcela das experiências clínicas de profissionais que empregam o método calatônico – muitas outras têm sido registradas em relatos orais.

O método de Calatonia proposto por Sándor (1982) consiste em estímulos monótonos por meio de toques leves nos dedos e nas solas dos pés, no calcanhar, na convergência tendinosa do tríceps sural na região posterior da perna, e na nuca. Segundo sua observação, estes toques sutis resultam em uma significativa descontração muscular.

Outro escrito de Jung esclarece a ligação entre mente e corpo, psique e matéria:

Temos uma secreta intuição de não estarmos totalmente isentos desse lado negativo e de que, pelo fato de termos um corpo, este projeta uma sombra – como todo corpo, aliás. Ela nos diz ainda que, se renegarmos nosso corpo, não somos tridimensionais, mas sim planos, ilusórios. Mas este corpo é um animal com alma animal, isto é, um sistema vivo, que *obedece necessariamente ao instinto*. Associando-nos a essa sombra, dizemos ‘sim’ ao instinto e também àquela dinâmica fabulosa que ameaça por trás dela (JUNG, 1995, p. 35).

Daí se depreende que precisa haver uma integração entre os dinâmicos corporais e psíquicos, para que haja oportunidade ampliada de manifestação e desenvolvimento dos potenciais dos indivíduos.

De acordo com o entendimento de Rios (2009), a Calatonia tem função ampliada no contexto da Psicologia Analítica. Segundo explica, se repetidos em sessões semanais, os toques criam um condicionamento no qual se busca não necessariamente um estado de relaxamento, mas uma regulação do tônus corporal, com a conseqüente regulação do tônus psíquico – o que atende à definição de Sándor e Jung de que existe um *continuum* entre corpo e psique.

Rios escreve:

O corpo, em sua concretude, pode ser encarado como o lugar inevitável da experiência psíquica humana. Existindo necessariamente no tempo e no espaço, conecta-nos com uma dimensão da realidade que, com seus limites, define, organiza e nos coloca em contato com nossa natureza animal, tão primitiva e ao mesmo tempo cheia de vida (RIOS, 2009, no prelo).

A maneira como ele responde ao estímulo, as sensações, sentimentos e pensamentos despertados, as imagens mobilizadas, trazem informações sobre esta estrutura. Compreender a singularidade das reações significa traçar objetivos de acordo com a situação estabelecida, sem determinação prévia dos resultados a obter com o trabalho corporal.

## CALATONIA E MANDALAS NA ATUAÇÃO CLÍNICA

Em meu trabalho de atendimento em Psicologia Clínica, proponho a prática da Calatonia seguida por pintura de mandalas. Como primeiro passo, costumo recorrer à prática de respiração – conhecida na prática yogui como *pranayama* – que sugere a observação da respiração na busca de um estado de silêncio interior, de um contato consigo mesmo. Na sequência, proponho a realização dos nove toques sutis nos pés e nas pernas que compõem a Calatonia.

Com o objetivo de exteriorizar a experiência vivida, sugiro a realização de desenhos em forma de mandalas, da maneira mais espontânea

possível, expressando a experiência com a Calatonia ou as imagens surgidas no decorrer do processo. Ofereço, para isto, diversos materiais: papel branco com um círculo no centro, giz de cera, aquarela, pastel, tinta etc. Posteriormente, solicito a observação da produção e um relato escrito acerca do processo vivido e da percepção do indivíduo sobre os seus próprios sentimentos, pensamentos, percepções e cognições.

É possível então, com experiência e certa dose de sensibilidade, alcançar o sentido profundo das imagens com alta carga afetiva, desenhadas ou pintadas pelo paciente.

Jung lembra-nos que o fato de tais imagens, em certas circunstâncias, terem efeito terapêutico considerável sobre seus autores, é empiricamente comprovado, além de compreensível, posto que representam, não raro, tentativas ousadas de ver e reunir opostos inconciliáveis na aparência e de vencer divisões que parecem intransponíveis. Jung afirma, ainda, que a simples tentativa nessa direção usualmente apresenta efeito curativo.

Minha prática - nos atendimentos clínicos realizados - é uma tentativa de promover a ampliação da consciência das pessoas, através da aplicação da Calatonia no contexto da Psicologia Analítica, de forma a facilitar a integração de aspectos de sua personalidade. Há fortes indicações de que a racionalidade imposta ao homem ocidental moderno, implica que, para conseguir ser altamente disciplinado e organizado, ele suprime aspectos inconscientes da sua personalidade, o que lhe tem trazido sofrimento.

Na experiência que desenvolvo, os fenômenos da ampliação da consciência, mediados pela arte, podem ser expressos conduzindo a uma ressignificação e integrados à vida da pessoa. Ou seja: a arte é entendida como potencializadora, surgindo como recurso que propicia a observação da experiência vivida na Calatonia, atribuindo-lhe sentido singular.

## Relato clínico

Depois de aproximadamente dois meses de terapia, começamos uma sessão, por sugestão de Maria, com uma aplicação de Calatonia. Ao terminar, Maria relatou ter visto cenas de Cristo, Nossa Senhora e Krishna. Descreveu sentir uma profunda paz. Lembrei-me de Sándor para quem “a

variedade do material surgido, fornece bases para diálogos em termos de exploração biográfica” (SÁNDOR, 1982, p. 99). Decidi, assim, continuar a explorar a experiência relatada por Maria.

Solicitei a pintura de uma mandala que simbolizasse sua experiência. Ofereci várias possibilidades de materiais: giz de cera, lápis de cor, tinta, pastel, aquarela. Nesse momento, pensei na importância da utilização da arteterapia para facilitar a expressão de componentes simbólicos. Os símbolos com que Maria tinha entrado em contato eram religiosos. Remetiam a um conteúdo da sua infância, quando Maria não podia revelar sua experiência espiritual para ninguém. Na ocasião em que Maria teve a experiência de ver Nossa Senhora e não pôde expressar, ficou separada da própria raiz do caminho da espiritualidade, exilada do processo psíquico produtor de imagens. O acesso ao numinoso estava interdito. Agora, o reaparecimento destas imagens, depois da prática de Calatonia, trazia a Maria uma nova possibilidade.

Dentro da abordagem Junguiana, compreendemos que experiências de ativação simbólicas são numinosas, isto é, poderosas, fascinantes, enriquecedoras, misteriosas e, exatamente por isso, não podem ser descritas com exatidão. O símbolo, por definição, carrega em si um lado inconsciente e sua aproximação da consciência vem acompanhada de forte carga emocional.

Maria optou pela aquarela para criar a mandala, retratando sua experiência (v. p. 10). A aquarela é um material de controle difícil, fornece a fluidez que foi necessária para elaborar os conteúdos do momento específico vivido pela paciente. Ao permitir que a paciente escolha o material, estamos lidando com a hipótese dos mecanismos de autorregulação psíquica, que provêm naturalmente os canais adequados para a expressão simbólica. O próprio material entra no campo simbólico. A interação com os diversos materiais em atividades plástico-expressivas mobiliza de maneira predominante um nível de funcionamento humano baseado na experiência do sensorio-motor, afetivo, perceptivo, que permite espontaneidade, fluidez e singularidade na livre expressão. Tal qualidade de expressão transita por vários níveis cognitivos simultaneamente, proporcionando um continente às suas experiências internas. A forma de trabalho apresentada nesta

pesquisa se diferencia por não propor materiais, atividades específicas pré-programadas para o paciente, porque se fundamenta no conceito de individuação, que postula que há na psique individual uma capacidade criativa capaz de encontrar seus próprios caminhos.

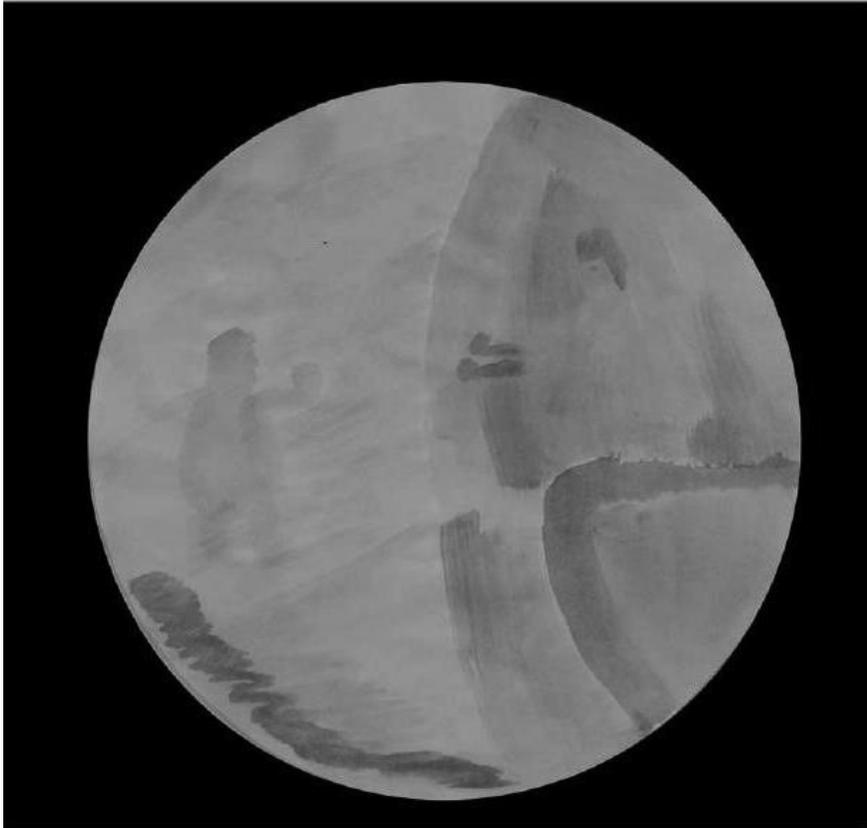


Figura 1. Mandala em aquarela simbolizando Cristo, Nossa Senhora e Krishna, segundo Maria.

Na riqueza de sua experiência, representada pela imagem que surgiu na infância e, agora, na vivência de relaxamento – a visão de Cristo, Nossa Senhora e Krishna – constitui-se uma vivência além do tempo, vivida pelo ego que se submeteu voluntariamente à Calatonia. A disponibilidade ao diálogo com o inconsciente, em que se entra além destas limitações, facilitou a emergência das imagens como possibilidade integradora.

### Como apontam Giglio e Giglio:

Partindo da concepção junguiana de que o desenvolvimento espiritual seja um aspecto do processo de transformação implicado na individuação, e da importância da religiosidade no campo do desenvolvimento da personalidade, da saúde mental e mesmo da saúde em geral... [consideramos] o Transcendente (como) aquela que excede o lugar cotidiano da vida humana... O transcendente e o que tão bem Rudolf Otto e Jung chamam de *numinosus*, é a companhia misteriosa que tem instigado as reflexões humanas desde o advento da consciência e, mais do que isto, tem um poder inegável de mobilizar nossa esfera afetiva (GIGLIO & GIGLIO, 2004, p. 445).

Maria, ao receber os toques sutis, encontrou nos pés uma porta de acesso ao universo inconsciente das imagens. Na experiência da ampliação da consciência, o ego se coloca em contato fluido e dialético com as imagens do inconsciente, dentro da totalidade a que chamamos de Self, no qual ele se estrutura e se percebe.

O conteúdo da visão de Maria - Cristo, Nossa Senhora e Krishna – figuras coletivas, evidencia a experiência de caráter arquetípico da imagem. Segundo Samuels, “o Self simboliza a infinidade do arquétipo, e qualquer coisa que um homem postule ou conceba, como sendo uma totalidade maior do que ele próprio, pode se tornar um símbolo do Self – Cristo ou Buda, por exemplo” (SAMUELS, 1989, p. 120). As imagens divinas universais, tais como Krishna – de uma cultura diferente do universo de Maria, uma imagem da cultura indiana, especificamente do Hinduísmo – mostram o papel da hierofania como elemento fundante de qualquer religião, e podem aparecer, assim, de forma espontânea, como ocorreu para Maria, que não teve uma educação religiosa, nem mesmo dentro da tradição ocidental judaico-cristã.

Este rompimento da cultura e do tempo surge como uma possibilidade integradora. O significado que Maria atribui a sua experiência é de paz, algo que supera seu conflito existencial, suas dúvidas, seus medos, uma experiência que leva além do estado ensimesmado. Esta questão é relatada por Sándor (1981, p. 10), quando diz: “A calatonia possibilita também uma aproximação, em escala extensa, a campos extra-rationais da psique,

aos conteúdos uma vez já conscientes e aqueles que nunca o foram”. A experiência da imagem transcendente pode apontar para um caminho de realização consciente dos potenciais psíquicos contidos no Self. Maria pode entrar em contato com este centro. Quando o ego se encontra em uma situação para a qual não há saída visível, o inconsciente constela conteúdos compensatórios, como solução possível para o problema. Esses conteúdos podem aparecer em forma de sonhos, fantasias, imagens. Um ego rígido está sujeito à invasão do inconsciente. Um ego mais fortalecido e, portanto, flexível é capaz de assimilar a imagem proposta pelo inconsciente sem ser invadido por ele. Maria parecia, nesse momento do processo terapêutico, estar vivenciando estas questões. As visões traziam de volta os conteúdos que ficaram ocultos referentes à sua experiência espiritual, e permitiam que Maria ampliasse sua consciência, ainda que fosse difícil, para ela, neste momento, compreender de fato a experiência emocionalmente intensa que clamava por vida, por uma expressão.

A função terapêutica permitiu a passagem de um conteúdo inconsciente, não assimilado, transmutado ou transformado em outro conscientizado.

O inconsciente de Maria, ao apresentar ao seu ego as imagens simbólicas de caráter arquetípico, remete-a à questão do amor universal e impessoal que pode ser representado pelas figuras de Cristo, Krishna e Nossa Senhora.

O símbolo de Cristo traz integração de opostos, na medida em que propõe o princípio de alteridade. Um dos mandamentos cristãos é amar ao próximo como a si mesmo, o que significa a possibilidade do relacionamento do Eu com o outro e suas sombras, com o mal contido tanto no Eu quanto no outro.

Nossa Senhora caracteriza-se pela aceitação consciente do Novo e do Imprevisível. Ela responde ‘sim’ para a proposta de Deus que lhe veio por meio de um anjo, anunciando a gestação do filho de Deus. Assim se comporta o ego que se propõe ao diálogo com o inconsciente, como acontece na Calatonia e outros recursos, quando o ego se propõe ao imprevisível trazido por este.

Para Almeida o arquétipo da Grande Mãe pode levar a transformações na percepção da vida e da personalidade.

A mulher pode se perceber como fonte de vida, reverenciar este princípio vital gerador de tudo o que existe – a Grande Mãe -, perceber toda a natureza criadora, toda sua fonte de feminilidade, que pode levar as transformações na sua percepção da vida e na personalidade (ALMEIDA, 2005, p. 165).

Krishna é o representante do Verbo Divino ou Logos (Cristo em nós). O nome original do Ser Realizado. A Suprema Individualidade de Brahman; o orador do Bhagavad-Gita, representando, assim, impulso para o processo de individuação ou realização de si mesmo.

Para Rohden:

Quem conhece o Evangelho do Cristo e os escritos dos seus grandes discípulos, sobretudo João e Paulo, não pode deixar de descobrir um paralelismo, quase contínuo entre estas palavras de Krishna e as de Cristo e seus iniciados. “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará (...) A luz brilha nas trevas e as trevas não a prenderam” (ROHDEN, 1981, p.62).

Agir com intensidade, sem ser escravo de nenhum dos seus atos – é esta a sabedoria que permeia todas as páginas do Bhagavad Gita. O homem ocidental, via de regra, é dinamicamente ativo e escravo da sua atividade. O oriental é inclinado a ser estaticamente passivo. Maria, ao transitar nestes dois universos distintos, parece buscar a integração dos opostos representados nas imagens de Cristo e Krhsna.

Jung diz que:

Não há dúvida de que no Universo das concepções cristãs, Cristo representa o Si-Mesmo. Ele possui como encarnação da individualidade os atributos da unicidade e da singularidade. Como, porém, o Si-Mesmo psicológico é um conceito transcendente, pelo fato de exprimir a soma dos conteúdos conscientes e inconscientes ele só pode ser descrito sob a forma de antinomia (JUNG, 2000, p. 58).

Maria precisa enraizar a experiência do Self. Tal enraizamento só poderá acontecer a partir de uma experiência egóica, ou seja, vivenciando-

a de forma integrada, encontrando sentido nas coisas do cotidiano, adaptando-se ao mundo exterior, na escolha profissional, na escolha do lugar para morar, na vida real.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percorridos os aspectos fundamentais do objeto de análise deste estudo, é possível sistematizar alguns conceitos e uma proposta de atendimento. Ela aborda a maneira pela qual a aplicação da Calatonia e da Arteterapia, no contexto da psicoterapia e segundo a orientação da Psicologia Analítica, favorece a ampliação da consciência. Por esta via, propicia a superação de entraves emocionais que, contidos na memória corporal e no inconsciente, dificultam - ou até impedem - o desenvolvimento de experiências de vida criativa. Tais entraves emocionais podem relacionar-se a registros ocorridos no começo da vida humana. O bebê, no início e na constituição da psique, registra as experiências emocionais na intersubjetividade, mas não tem como decodificar, transformar ou compreendê-las, já que não possui aparelho psíquico adequado, nem sistema nervoso suficientemente desenvolvido para compreender cada uma. O registro emocional que vai se formando a partir da repetição das experiências, não é acessível à consciência, uma vez que ocorre em fases de vida anteriores ao seu estabelecimento. A criança apenas apreende e registra o fato de viver em um mundo que é sensível às suas necessidades, sendo continente ou não. Nesta primeira construção de identidade e separação entre o eu e o mundo, a experiência possível coloca-se no ciclo de vivências de necessidade, de sua expressão e posterior apaziguamento ou não, o que vai determinar a percepção de mundo, a atmosfera emocional da vida adulta. As experiências podem ser, ainda, de caráter traumático, mobilizando as defesas de natureza dissociativa que, para a proteção da vida, reprimem os conteúdos não integráveis, deixando um arquivo em sua memória implícita. Ela registra, emocionalmente, experiências ameaçadoras no passado e levam à evitação defensiva, em qualquer encontro posterior que ative o esquema, acarretando uma exclusão do relacionamento. Isto pode resultar em inabilidade para aprender com novas experiências e em falha para modificar os modelos

funcionais internos que permanecem encapsulados e dissociados do resto da psique, originando o que Jung descreve como complexos. Eles são inacessíveis à consciência, mas determinam nossa percepção de mundo e dos relacionamentos atuais.

Uma continuidade para este estudo teria, com certeza, que levar em consideração os novos conhecimentos desenvolvidos pela neuropsicologia. Vem sendo estudado, hoje, o conceito de memória implícita: aquela em que se registram, por meio de trajetos neurológicos baseados no funcionamento do hipocampo e das amígdalas, sensações e procedimentos não verbais, anteriores ao estabelecimento da consciência. O desenvolvimento da memória implícita depende do apego. Ou seja, constitui-se na relação com a mãe, nos primórdios da vida. A criança com apego seguro, que teve a experiência repetida de respostas maternas previsíveis de cuidados sensíveis, perceptíveis e alimentadores, vai registrar essas experiências no cérebro, implicitamente, e construir uma imagem de mundo positiva, capaz de reagir também com sensibilidade às suas necessidades. Seria interessante estudar o recondicionamento dos trajetos neuronais da memória em relação com as vivências de relaxamento e expressão artística.

Outra possibilidade de continuidade para este estudo poderia envolver o conceito de relação transferencial entre paciente e terapeuta, na especificidade que delinea o trabalho corporal como uma forma de aproximação da dinâmica que se estabelece entre a mãe e a criança.

A incapacidade do bebê de compreender sua vulnerabilidade – e a inocência da mãe em relação a esta condição – colocam a mulher numa posição arquetípica. Com esta relação, na qual, em alguma medida, o ego representa o Self, ele próprio assume também o dever de monitorá-lo e protegê-lo, de entrincheirá-lo na mandala da consciência e guardar os portos de entrada e saída, com muito cuidado, para evitar sua desintegração. Por outro lado, se o Self guia a personalidade e converte as constelações de medo do ego em estágios de transformação, a existência passa a ser uma experiência infinita de metamorfose criativa.

Em face de um contexto assim delineado, os resultados ora apresentados podem ser úteis no que diz respeito à ampliação da consciência para um possível entendimento de tal labirinto, como um fio condutor de Ariadne.

As considerações tecidas não encerram meus questionamentos acerca da ampliação da consciência, de uma maneira geral – aqueles questionamentos que têm me acompanhado por toda a vida. Contribuem, entretanto, para esclarecer e exemplificar possibilidades de experiências e metodologias que, ao menos em casos semelhantes ao que foi aqui analisado, poderão ser úteis à redução do sofrimento, à abertura de oportunidades para melhores condições de vida, sobretudo para as pessoas que, de alguma forma, são prisioneiras de si mesmas, devido a experiências que não puderam ser nomeadas, que lhe escapam da consciência ou da compreensão intelectual.

É o que espero, ao compartilhar minhas experiências e reflexões com companheiros de trabalho ou, simplesmente, com inquietações sobre a grandiosidade da natureza da psique humana.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arcuri, I.G. (2004a). *Memória Corporal – O simbolismo do corpo na trajetória da Vida*. São Paulo: Vetor Editora Psicopedagógica,
- \_\_\_\_ (Org.) (2004b). *Arteterapia de Corpo e Alma*. Coleção Arteterapia. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- \_\_\_\_ (2004c). Técnicas Expressivas Coligadas a Trabalho Corporal. *Revista Hermes*, (9), 100- 110 Publicação do Curso de Cinesiologia. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae.
- \_\_\_\_ (2005). Psicologia Transpessoal, Arteterapia e Calatonia. *Revis Hermes*, (10) 102-111. Publicação do Curso de Cinesiologia. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae.
- \_\_\_\_ (Org.) (2006). *Arteterapia: Um Novo Campo do Conhecimento*. São Paulo: Vetor Editora Psicopedagógica.
- \_\_\_\_ (2007). Arte & Self – Uma experiência Espiritual. In: ANCONA-LOPEZ, M. (Org.) *Temas em psicologia da religião*. São Paulo: Vetor Editora Psicopedagógica.

- Armando, M.D. (2006). *Calatonia e Religiosidade – Uma Abordagem Junguiana*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC/SP.
- . *Tocar e Ser Tocado - Jung e Corpo* (2002) *Revista do Curso de Psicoterapia* (orientação junguiana, coligada a técnicas corporais.) (2) 30.
- Câmara, F.P. A contribuição de Nise da Silveira para a psicologia junguiana. *Psychiatry On-line Brazil* (9). Março 2004. Disponível em: <http://www.polbr.med.br/arquivo/wal0304.htm>
- Carvalho, M.M.M.J. (coord.) (1995) *A arte cura? Recursos artísticos em psicoterapia*. Campinas: Editorial Psy II.
- Chevalier, J. Gheerbrant, A. (2000). *Dicionário de Símbolos. Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: Jose Olympio.
- Cortese, F.N. (2008) *Calatonia e integração fisiopsíquica - Histórias do Dr. Sándor*. São Paulo: Escuta.
- Dahlke, R. (1995). *Mandalas: formas que representam a harmonia do cosmos e a energia divina*. Trad. Margit Martincic. São Paulo: Pensamento.
- Delefosse, Marie Santiago, Rouan, Georges et Coll. (2001). *Les méthodes qualitatives en psychologie*. Paris: Dunod.
- Delmanto, S. (2004). A corporificação dos Sonhos através da Calatonia. *Revista Hermes* (9) 122. Publicação do Curso de Cinesiologia. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae.
- De Santis, M.I. (1969). A integração do animus na metanóia e no relaxamento. *Bol. Psicol.* 21. 75. São Paulo: Associação de Psicologia de São Paulo.
- Dibo, M.Prabha (2007). *Mandala: Os efeitos da aplicação do desenho da mandala no comportamento da atenção concentrada em adolescentes*. Dissertação Mestrado em Ciências da Religião: PUC/SP.
- Farah, R. M. (2008). *Integração psicofísica: o trabalho corporal e a psicologia de Carl Gustav Jung*. São Paulo: editora Robe
- Feuerstein, G. (1989). *Yoga: the technology of ecstasy*. Los Angeles: Tarcher.
- Giegerich, W. (2005). The ego-psychological fallacy. *Journal of Jung Theory and Practice*, 7,

- Giglio, J.S. (1994). Técnicas Expressivas como recurso auxiliar na psicoterapia: Perspectiva Junguiana. *Boletim de Psiquiatria*, p. 32 -35
- Giglio, J. S.; Giglio, Z.G. (2004). Religiosidade na prática psicoterapêutica – uma leitura contemporânea. In: *Desafios da Prática: o paciente e o continente*. Anais do III Congresso Latino Americano de Psicologia Junguiana. Salvador – Brasil, 2003. São Paulo: Vallada & Kausman – Editores..
- Giorgi, A. (1995). Phenomenological Psychology., In: *Smith et al* (ed). *Rethinking Psychology*, 24-42. London: Sage Publication.
- Gregg, M. F. (2004). *O mundo Secreto dos Desenhos - Uma abordagem junguiana da cura pela arte*. São Paulo: Paulus.
- Harding, E. (1973). *Psychic Energy: Its Sources and its Transformation*. Princeton: Princeton University Press.
- Henry, B.V. e Lemos L.H. (2005). *Psicoterapia e Toques Sutis*. *Revista Hermes* (10)112-118. Publicação do Curso de Cinesiologia. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae,
- Judith, A (2004). *A verdade sobre os Chakras* – Rio de Janeiro: Mauad.
- Jung, C.G. *Estudos Sobre Psicologia Analítica*. Petrópolis: Vozes, 1976
- \_\_\_\_\_ (1983). *The Vision Seminars*. Book I. Zurich: Spring Publications, Tradução para estudos críticos do Prof. Sándor.
- \_\_\_\_\_ (1985). *O espírito na arte e na ciência*. Petrópolis: Vozes.
- \_\_\_\_\_ (1986). *Símbolos da Transformação*. Obras Completas de C.G.Jung, 5. Petrópolis: Vozes.
- \_\_\_\_\_ (1988). *Nietzsche's Zarathustra*. Princeton: Princeton University Press.
- \_\_\_\_\_ (1991). *A Natureza da Psique*. Trad. Dom Mateus Ramalho Rocha, OSB. 3. ed. Obras Completas de C. G. Jung. VIII/2. Petrópolis: Vozes.
- \_\_\_\_\_ (1995). *Psicologia do Inconsciente*. 15. ed.. Coleção Obras Completas de Carl Gustav Jung VII/1. Petrópolis: Vozes.
- \_\_\_\_\_ (1996). *The Psychology of Kundalini Yoga*. Tradução para estudos críticos do Prof. Sándor. Princeton: Princeton University Press.
- \_\_\_\_\_ (1997). *A Vida Simbólica*. Obras Completas de C. G. Jung. 18/1. Petrópolis:Vozes,.

- Jung, C.G. (1998). *A prática da psicoterapia: contribuições ao problema da psicoterapia e à psicologia da transferência*. Trad. Maria Luiza Appy. 6. ed.. Petrópolis: Vozes.
- \_\_\_\_ (1999). *Psicologia e Religião*. Petrópolis: Vozes.
- \_\_\_\_ (2000). *Símbolos da Transformação*. Petrópolis: Vozes.
- \_\_\_\_ (2001a). *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes.
- \_\_\_\_ e WILHEIM, R. (2001b). *O segredo da flor de ouro: um livro de vida chinesa*. Petrópolis: Vozes.
- \_\_\_\_ (2001c). *Aion: estudos sobre o simbolismo de si-mesmo*. Petrópolis: Vozes.
- \_\_\_\_ (2007). *Eu e o Inconsciente*. Petrópolis: Vozes.
- \_\_\_\_ (2002). *A Energia Psíquica*. Petrópolis: Vozes.
- Kagin, S. & Lusebrink, V. (1978). The expressive therapies continuum. *The Arts in Psychotherapy*. 5 122-134. Cambridge: Elsevier.
- Kalsched, D. (1996). *The inner world of trauma: Archetypal defenses of the personal spirit*. New York: Routledge.
- Mauro, B.H.M. (1969). Anima e inconsciente racial no relaxamento e nos sonhos'. *Bol. Psicol.* 21. São Paulo: Associação de Psicologia de São Paulo.
- Montagu, A. (1988). *Tocar: o Significado Humano da Pele*. São Paulo: Summus.
- Motta, A.A. da. (2005). *Psicologia Analítica no Brasil: Contribuições para a sua História*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social.. São Paulo: PUC/SP.
- Pain, S. (1996). *Arteterapia– Teoria e Prática.*: Porto Alegre: Artes Médicas.
- Penna, L.C. (1976). *Observações sobre um caso de psicoterapia infantil com relaxamento*. Anais do II Congresso Interamericano de Psicologia Clínica. São Paulo: Congresso Interamericano de Psicologia.
- \_\_\_\_ (1984). O Método Calatônico em Psicoterapia. *Revista Ciência e Cultura*. Estudo apresentado no Simpósio “Relaxamento: sua importância no contexto psicoterápico”. 36ª Reunião Anual da SBPC, São Paulo, 4-11 de julho

- Penna, L.C. (2005). O Tempo e o Espaço na Calatonia'. *Revista Hermes* (10). Publicação do Curso de Cinesiologia. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae,
- \_\_\_\_\_ (2007). A Calatonia e os Níveis de Consciência. *Revista Hermes* (12). Publicação do Curso de Cinesiologia. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae,
- Pieri, P.F. (2002). *Dicionário junguiano*. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus.
- Rhynne, J. (2000). *Arte e Gestalt: padrões que convergem*. 2. ed.. São Paulo: Summus Editorial.
- Rios, A.G. (2008). *Um estudo junguiano sobre a imagem de Deus na infância dentro da tradição crista*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC/SP.
- \_\_\_\_\_ (2009 – no prelo). O corpo para Jung. In: Freitas, L. *Reich e Jung*. São Paulo: Educ.
- Rohden, H. (1986). *Bhavad-gita*. São Paulo: Martin Claret.
- Sándor, P. (1982). *Técnicas de Relaxamento*. São Paulo: Vetor.
- Samuels, A.; Shorter, B.; Plaut, F. (1988). *Dicionário Crítico de Análise Junguiana*. Rio de Janeiro: Imago.
- Samuels, A. (1989). *Jung e os pos-junguianos*. Rio de Janeiro: Imago.
- Silveira, N.G. (1981). *Imagens do inconsciente*. Rio de Janeiro: Alhambra.
- Silveira, N.G.(1992). *O mundo das imagens*. São Paulo: Ática.
- Toledo, P. (2001). Técnicas de Integração Psicofisiológicas. *Revista Temas Sobre Desenvolvimento* (10) 58-59, Setembro-Dezembro/2001. São Paulo: Memnon Edições Científicas.
- Urrutigaray, M. C. (2004). *Arteterapia – a transformação pessoal pelas imagens*. Rio de Janeiro: Wak
- Von Franz, M.L. (1980). *Alquimia – Introdução ao Simbolismo e a Psicologia*. São Paulo: Cultrix.